



**Muros, entre as abelhas e os ursos.  
Alguns comentários, reflexões  
e outros contributos**

de

Alexandra Lima  
António Nabais  
Helena Paula Vicente  
Jorge de Oliveira  
Jorge Paiva  
Maria Ramalho  
Maria de Jesus Sanches  
Paulo Ramalho  
Teresa Soeiro

## **A Abelha, o Urso e o Homem, uma relação milenar**

Jorge de Oliveira

Professor de Arqueologia, CHAIA, Universidade de Évora. [joli@uevora.pt](mailto:joli@uevora.pt)

Haverá que reconhecer que, praticamente, só a partir dos finais do século XIX é que a utilização do açúcar se democratizou nos países europeus. Embora conhecido na Europa desde, pelo menos o séc. V a.C. o açúcar era um produto escasso, muito caro e, por isso, de uso limitado. Utilizado principalmente como medicamento era comercializado nas boticas e consumido em doses diminutas, unicamente pelos grupos sociais mais favorecidos. Mesmo quando D. Henrique manda cultivar a cana do açúcar na ilha da Madeira, ou em naus chega do Brasil, ou da África, continua a ser um bem demasiado precioso e caro para que toda a gente a ele tivesse acesso. Assim, a necessidade do doce foi saciada na Europa até aos alvares do século XX pela utilização quase exclusiva e contínua do mel.

Não se pense, contudo, que mel pululava em qualquer venda, ou que a sua transacção era livre. Sobre o mel recaíram múltiplas taxas e impostos e o seu transporte, por exemplo no território português, era condicionado por normas rígidas. Se o produto final continuava a ser um bem ainda caro e escasso isso resultava, também e obviamente de uma produção complexa, morosa e dependente de múltiplos riscos. O seu valor começava logo pela proibição de qualquer um poder apanhar um enxame livremente. Conforme as regiões, assim era definida a propriedade do novo enxame. Posturas municipais e até forais à propriedade dos enxames se referem, bem como aos locais onde os podiam instalar. Nos inventários de bens de conventos e mosteiros com frequência se encontram referências à propriedade de colmeais, ou ao seu aforamento. Produzir mel era, assim, uma actividade controlada e sobretudo um privilégio dos senhores da terra. O seu sempre elevado valor dependia também, e muito, das condições climatéricas, associadas às doenças que ciclicamente dizimavam os enxames, aos incêndios descontrolados que afectavam

**MUROS, ENTRE AS ABELHAS E OS URSOS.  
COMENTÁRIOS, REFLEXÕES E OUTROS CONTRIBUTOS**

Alexandra Lima, António Nabais, Helena Vicente, Jorge de Oliveira, Jorge Paiva, Maria Ramalho,  
Maria de Jesus Sanches, Paulo Ramalho e Teresa Soeiro

a flora da região, aos roubos, às guerras mas, sobretudo, aos animais que, tal como o homem, apreciavam o alto valor energético que o mel confere, ou que das abelhas se alimentavam. De entre os animais que mais danos causavam às colmeias destacam-se, sem dúvida, os ursos.

Cedo o homem compreendeu que no longo processo de domesticação da abelha, onde o conceito de amansamento também parece ter estado presente, tornava-se obrigatório proteger estruturalmente os colmeais. Basta analisarmos sumariamente os sistemas estruturais de protecção de colmeias que sobreviveram até aos nossos dias para rapidamente percebermos a elevada importância económica que a produção de mel teve ao longo da história. Não estarei longe de errar se afirmar que a seguir às cercas protectoras dos espaços urbanos e conventuais são os agora denominados muros-apiários aqueles que maior imponência apresentam de entre todas as construções arquitectónicas sem cobertura, implicando um fortíssimo investimento de trabalho. Mas na construção dos muros-apiários o homem não se limitou apenas a erguer fortes e altas paredes que limitassem o acesso aos predadores e aos fogos. A construção destas cercas é fruto de longa aprendizagem onde a exposição solar, os ventos predominantes, a proximidade de linhas de água de curso permanente, a pendente do terreno, as características da flora local e, eventualmente, outros saberes que por hora nos escapam parecem ter determinado a selecção do local de construção. Mas estes saberes cruzavam, ainda, o conhecimento da pendente do terreno com a altura máxima dos muros e a disposição das bases das colmeias. Quem hoje se debruça sobre estas fabulosas construções não pode deixar de se pasmar com a multiplicidade de saberes que encerram e que só podem resultar de milénios de experiência acumulada. Esses milénios de convivência entre homens e abelhas que se testemunham desde uma longínqua fase da mera recollecção do mel, representada na arte rupestre, até à selecção, entenda-se amansamento das abelhas, e terminando na sua domesticação, parece ter conferido proveitos recíprocos, em que a protecção que os muros lhe conferem foi retribuída com a tolerância com que ela aceita que o homem lhe explore o seu mel e cera. Poucos casos haverá de processos tão singulares de domesticação onde o animal mantém toda a sua liberdade permitindo, contudo, que o domesticador se aproveite de parte dos seus excedentes, pedindo apenas estruturas de protecção, sejam elas simples colmeias, ou portentosas muralhas de pedra. Provavelmente do sucesso desta exemplar domesticação resulta a qualidade inalterada de um produto inigualável que ao longo dos milénios tem

**MUROS, ENTRE AS ABELHAS E OS URSOS.  
COMENTÁRIOS, REFLEXÕES E OUTROS CONTRIBUTOS**

Alexandra Lima, António Nabais, Helena Vicente, Jorge de Oliveira, Jorge Paiva, Maria Ramalho,  
Maria de Jesus Sanches, Paulo Ramalho e Teresa Soeiro

conseguido sobreviver e que nem a industrial produção de açúcares, nas suas mais variadas formas, consegue suplantar, o mel.



Muro-apiário junto ao abrigo com pinturas rupestres pré-históricas, denominado Pinho Monteiro (Esperança, Arronches)



Outra vista do mesmo muro-apiário

**MUROS, ENTRE AS ABELHAS E OS URSOS.  
COMENTÁRIOS, REFLEXÕES E OUTROS CONTRIBUTOS**

Alexandra Lima, António Nabais, Helena Vicente, Jorge de Oliveira, Jorge Paiva, Maria Ramalho,  
Maria de Jesus Sanches, Paulo Ramalho e Teresa Soeiro

Mas se esta domesticação milenar teve sucesso, em muito se deve aos denominados muros-apiários que ao longo de milénios de história foram construídos, reabilitados ou ampliados. Eles encerram em si longos saberes de experiência feitos e revelam, sobretudo, a forte disputa que o homem travou com o seu mais forte concorrente ao produto das abelhas, o urso. Provavelmente se esta disputa milenar não tivesse existido o processo de domesticação da abelha não teria tido o sucesso que lhe conhecemos.

Na *Corografia Portuguesa*, iniciada a escrever já nos finais do século XVII e publicada já no século seguinte, o seu autor, Carvalho Costa, ao descrever a vila de Murça refere-se, obviamente, à vulgarmente conhecida “porca” que se ergue na praça principal. Diz-nos o erudito padre que esta estátua representa uma ursa de cuja fonética terá emergido o topónimo “Murça”. A justificação para esta estátua da Idade do Ferro é-nos relatada pelo padre Costa da seguinte forma: na sequência de episódios bélicos ocorridos entre os Mouros e D. Afonso, primeiro rei de Castela, conseguiu este monarca reconquistar a vila e a repovoou sob a tutela dos descendentes dos seus antigos donatários, no ano de 757. Por essa altura encontrava-se o termo da vila de Murça infestada de “*ussos, que destruíão as colmeas, e fizerão delle montaria, & os matarão, em cujo reconhecimento os moradores, além dos foros de pão, vinho & dinheiro atrás referidos, lhe pagão [aos donatários] os três arráteis de cera em satisfação do benefício recebido*”. Em memória do extermínio dos ursos terá a população esculpido a referida estátua que representa a mais feroz ursa que nesse tempo por aí atacava as “colmeas”. Com o passar dos anos terá sido confundida com uma porca, embora ainda há poucos anos se registasse a centenária tradição de verter cera junto à estátua, em memória da luta feroz que levou à extinção dos ursos por aquelas paragens. Esta associação directa entre ursos e colmeias aparece, desta forma, também registada na tradição popular portuguesa.

Na nossa toponímia, especialmente na constante da cartografia militar portuguesa, encontramos um conjunto assinalável de referências que de uma forma directa, ou indirecta nos podem remeter para a produção de mel. Os topónimos iniciados por Colmeia, Colmeias ou Colmeais encontram-se referidos em 68 locais. Os começados por Abelheiros, Abelhas ou Abelhão registam-se em 65 sítios. Topónimos começados por Enxames existem 15, por Silha identificam-se 20. Os topónimos começados por Muro, que poderão, na maioria dos casos referir-se a “Muros-Apiários”, identificámos 98. Por este breve apontamento verificamos como no território português e, apenas constantes no Reportório Toponímico de Portugal, encontramos um

**MUROS, ENTRE AS ABELHAS E OS URSOS.  
COMENTÁRIOS, REFLEXÕES E OUTROS CONTRIBUTOS**

Alexandra Lima, António Nabais, Helena Vicente, Jorge de Oliveira, Jorge Paiva, Maria Ramalho,  
Maria de Jesus Sanches, Paulo Ramalho e Teresa Soeiro

elevado número de referências ao tema em apreço que se estudadas numa perspectiva espacial poderão revelar as zonas de maior incidência de produção de mel e as que apontam para a provável presença de ursos, se considerarmos que grande parte dos topónimos iniciados por Muro poderão referir-se a estruturas de protecção de colmeias. Já no que se refere a topónimos iniciados por Urso ou Ursa apenas registámos 3 ocorrências. Mas se procurássemos topónimos como Vale da Ursa, Cabeço do Urso, Monte das Colmeias, Chão das Abelhas, onde as palavras Urso, Colmeias ou Abelhas ocorrem em topónimos compostos, seguramente que muitas mais referências encontraríamos e a análise seria muito mais representativa. Poderá esta ser mais uma pista de trabalho que, juntamente com as tradições orais, como a da Porca de Murça, que afinal, pelo menos nas palavras do Padre Costa, não era uma porca, mas sim uma urso que devorava as colmeias, associadas a investigações arqueológicas mais profundas, nos poderão melhor elucidar sobre a milenar relação entre homens, abelhas e ursos.

Agora com o urso praticamente extinto, com a maioria dos muros-apiários abandonados, e com distribuição algo caótica de colmeias será que, pelo menos, a relação milenar entre abelhas e homens se irá manter inalterável?